

arquitetura & construção

dossier puxadores, projectores,
interruptores e sancas
vistos à lupa
180

quanto custa
cada fase do projecto

Arne Jacobsen
o senhor das cadeiras

Tektónica
novos materiais
e equipamento

Lopes da Costa
o rigor do desenho

em linhas simples
dois projectos contrastantes



Para um projecto resultar, tem de haver um bom cliente e um bom empreiteiro...

Um dia, José António Lopes da Costa viu-se confrontado com um pedido tão irrecusável como surpreendente: membros da Comissão Fabriqueira da vila de Cucujães, em Oliveira de Azeméis, solicitam-lhe um projecto para a residência paroquial. Não têm nenhuma especial exigência, não colocam qualquer condicionante, não pretendem interferir no que sejam as opções do arquitecto. Ligado à vila por laços familiares, Lopes da Costa desenvolve, então, um programa inovador. O resultado final provoca espantos vários e assume-se como um marco na nova arquitectura de âmbito religioso. A casa, belíssima, propicia uma sedutora capa do *Arquitectura & Construção*. As fotos da residência paroquial de Cucujães são colocadas na Internet por alunos da Faculdade de Arquitectura de Lisboa, que passam a estabelecer contactos regulares com Lopes da Costa. A Casa do Padre conquista a condição de ponto de partida para um roteiro através da obra deste jovem arquitecto com um percurso invulgar, mas construído a partir de bases sólidas e opções muito claras acerca do modo de ser e estar na arquitectura.

Lopes da Costa

O rigor do desenho

Formado em Bordéus, mas próximo da Escola do Porto, Lopes da Costa surge na moderna arquitectura portuguesa com uma linguagem por onde se passeiam múltiplas culturas.

Texto de Valdemar Cruz
Fotografia de Manuel Aguiar

No ano 2000, foi distinguido em Ovar com o Prémio de Arquitectura Januário Godinho, atribuído pela concretização de uma outra obra de alto risco. Um cliente pedira-lhe para desenhar uma casa num terreno impossível, com uma envolvente péssima, e num espaço muito reduzido. Fascinado com o desafio, o arquitecto desenhou uma habitação de sonho, cujo único defeito será o de não ter rodas para poder ser transportada para um local que a merecesse.

A habitação individual ocupa uma parte muito substancial do seu gabinete, e esta é uma área onde sente existir mais disponibilidade para aceitar propostas inovadoras de um ponto de vista estético e, muitas vezes, suficientemente arrojadas para provocarem roturas em relação a concei- ►



1



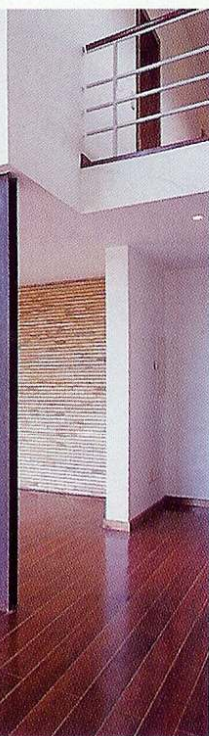
2



3



4



5



1. e 6. Centro de Dia. Fundação Manuel Brandão. Cucujães. 1987-88

2. Prédio. Sociedade Imobiliária do Norte. Furadouro. 1992-93*

3., 4. e 5. Habitação Paroquial. Cucujães. 1994-95*

7. Habitação unifamiliar. Escapães. 1995*

* com Arq. Tiago Meireles



6



7



"O cliente tende a subverter o projecto. Há quem pense que alterar uma cor, um material, não adultera a obra."

tos estabelecidos. Isso não invalida que tenha a sua assinatura em vários equipamentos colectivos, como as bibliotecas municipais de Vale de Cambra, Oliveira de Azeméis e de Monção, os projectos da Quinta da Várzea, em Coimbra, ou o plano do Parque Desportivo de Aveiro, onde se insere o novo Estádio para o Euro 2004. Considera, no entanto, que para "uma moradia resultar tem de haver um bom cliente e um bom empreiteiro, que permita um entendimento, quer do projecto, quer da obra". Não resulta daqui uma tentativa de anulação de qualquer conflito durante o processo. Contudo, "tem de haver entusiasmo para a concretização do objectivo comum, que é concluir a obra de um modo que possa corresponder às expectativas que todos entretanto foram elaborando". Se isso não acontece, os resultados podem ser desastrosos, e o trabalho transforma-se numa permanente gestão de conflitos.

Talvez por isso, Lopes da Costa considera tão essencial o cliente saber escolher o arquitecto, como o arquitecto poder escolher o cliente. Tudo isto antes mesmo de se iniciar qualquer discussão à volta do tipo de casa que se pretende construir. São momentos cruciais, susceptíveis de evitar equívocos futuros. Porque cada profissional desenvolve uma linguagem própria, Lopes da Costa tem como indispensá-

vel o cliente "conhecer o trabalho do arquitecto com quem contacta para, de alguma forma, ter uma aproximação ao tipo de soluções que caracterizam o seu gosto". Só depois se entrará na sempre dolorosa fase em que quem quer construir sabe o que não quer, mas não sabe o que quer. É aí, nesse momento de preparação do projecto, que Lopes da Costa procura explorar o máximo de flexibilidade, até ser possível construir a bissectriz dos diferentes interesses.

Este é um problema que se colocará também na construção colectiva, onde, diz José António, apesar de o cliente ser o promotor e não o utilizador, subsistem, por vezes, dificuldades por não cumprimento do estabelecido. A meio da obra começam a surgir alterações, algumas particularmente graves: tornou-se comum cumprir o projecto no exterior, mas subverter tudo nos interiores. "Há quem pense – diz Lopes da Costa – que alterar uma cor, um material, não adultera a obra. Como costuma dizer-se, a cara tem de bater com a careta. Então, não faz sentido desaproveitar desta forma todo o trabalho de um gabinete de arquitectura, que pensou as soluções e equacionou tudo de forma a garantir uma certa uniformidade e harmonia."

Percebe-se a busca da diferença em relação ao vizinho do lado, mesmo no seio de construções padronizadas. O problema é quando as alterações se traduzem na repetição sem critério de gostos adquiridos, sem que o arquitecto tenha grandes instrumentos de defesa para assegurar a identidade da obra que concebeu.

Talvez Lopes da Costa nunca tivesse pensado nestes dilemas quando pela primeira vez se sentou numa sala da Faculdade de Arquitectura de Bordéus, em França. De alguma forma, os caminhos deste arquitecto têm sido marcados por uma série de aparentes impossibilidades, aproveitadas como autênticas alavancas para a adopção de opções que, não sendo evidentes, surgem depois como as únicas possíveis ou imagináveis. Por exemplo, o modo como tira o curso de Arquitectura. Apesar de uma vivência muito próxima do Porto, os pais, com ►



9

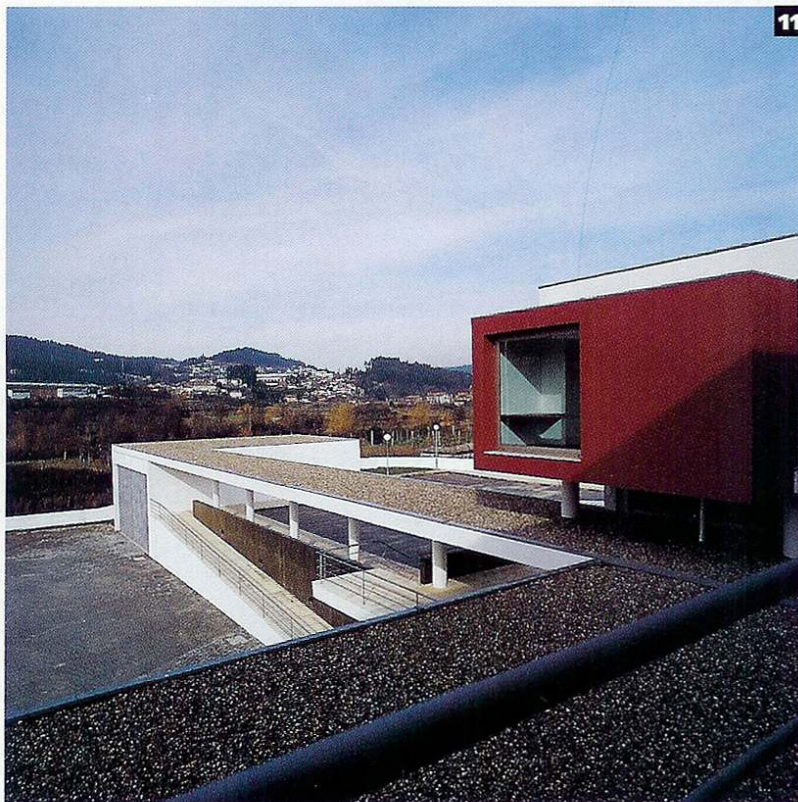


10

8., 9., 10., 11. e 12. Estação Central de Camionagem de Vale de Cambra. 1994-95*

13. e 14. Biblioteca Municipal de Vale de Cambra. 1994-95*

* com Arq. Tiago Meireles



11



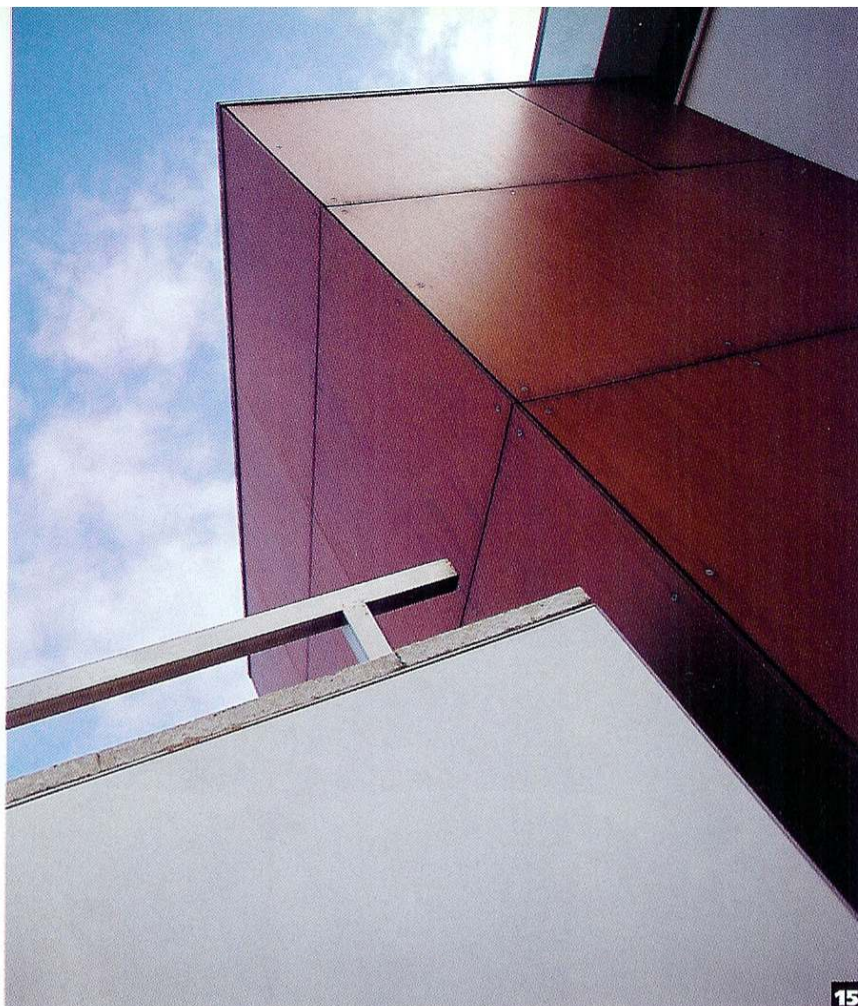
12



13



14



15

"...do ponto de vista
profissional
[a formação em
França] não me
trouxe nada."

receio das indefinições da Escola de Belas- Artes nos conturbados anos posteriores ao 25 de Abril de 1974, optam por enviá-lo para França, em 1977. Para José António, "Espanha estava fora de causa, por ser necessário dominar bem a língua. Nesse tempo havia uma afinidade muito grande com França, sobretudo a nível cultural e, por isso, tornava-se mais lógico ir para lá".

Concorre a uma série de faculdades, é aceite em todas, menos em Nantes, e escolhe Bordéus, então tida como uma das mais conceituadas e exigentes escolas de arquitectura francesas. De novo uma opção de risco. Antes de partir, confrontara-se com a eventualidade de escolher engenharia, naquela época um curso mais prestigiado e mais conhecido. Quanto à arquitectura, não possuía ainda qualquer referência ou uma ideia formada acerca da disciplina. Quando muito tinha a certeza do prazer do desenho que desde sempre o acompanhara. E esse era um factor decisivo. Quanto ao resto, apresenta-se virgem. Isto é, chega ao primeiro ano do curso com um conhecimento muito escasso "do que seria a arquitectura ou ser arquitecto". Descobre Le Corbusier quando já está em França e fica envaidecido perante os colegas de curso franceses quando a *Architecture d'Aujourd'hui*, então uma espécie de bíblia da arquitectura

internacional, publica um longo trabalho sobre Álvaro Siza Vieira.

O modo como funcionava a escola de Bordéus é recordado como um laboratório de experiências, onde foi possível fazer de tudo: "A escola dava essa liberdade e eu aproveitei-a, até por me parecer que há muito tempo na vida para ganhar tiques e vícios. Por isso acho errado que logo no primeiro ou no segundo ano se tenha de desenhar ou projectar à moda de 'a' ou 'b'.". Em Bordéus, naquela altura, não havia nenhum professor de referência. Apenas correntes que passavam de um modo transversal ao longo dos anos.

Para quem faz um curso em França, mas tem o apelo de Portugal, equacionar o regresso é sempre um momento delicado. Embora não soubesse o que faria quando concluisse a licenciatura, José António sempre teve como adquirido que, pelo menos, voltaria a Portugal. Hoje, acha estranho nunca ter equacionado a hipótese de ficar em França, mesmo quando revela ter sentido num dado momento que havia muito trabalho para fazer por cá.

A assunção do risco surge de novo no momento de fazer as malas. Jovem licenciado, sem referências no meio, com um curso tirado no estrangeiro, instala-se em Oliveira de Azeméis. Sozinho. Sem o apoio de qualquer gabinete. Durante um ano tem apenas um trabalho: um loteamento. Antes, e durante seis meses, desenvolvera no Furadouro, em Ovar, o trabalho de fim de curso na companhia de um colega francês. Montam um mini-ateliê num edifício entretanto demolido e avançam com um conjunto de propostas e soluções que estão na origem do actual plano de reconversão daquela zona de praia.

Nessa altura já se tinha aproximado do arquitecto Manuel Fernandes Sá, que acaba por considerar uma espécie de mentor, pelo apoio sempre concedido em diferentes fases. De resto, o primeiro trabalho fixo de Lopes da Costa foi com Fernandes Sá, no Plano Director de Santa Maria da Feira.

Hoje, quando olha para trás, não divisa nenhuma vantagem decorrente do facto de ter tirado o curso no estrangeiro: "Como experiência de ►



16 17



15., 16. e 17.
Habitação
unifamiliar.
Ovar. 1997-98*

18., 19. e 20.
Habitação
unifamiliar.
Carregal. 1996-97*

* com Arq. Rui Ventura



18

19 20



Cinco Obras – Cinco Escolhas



Centro de Dia de Cucujães. Foi a primeira obra que me deu especial prazer em fazer. Foi o primeiro equipamento construído. O sítio era muito bonito e tinha de haver uma boa relação com a preexistência. Havia uma carga emocional muito grande no espaço, com a relação de uma casa de brasileiro, numa quinta, com vista para o mar, ao longe.



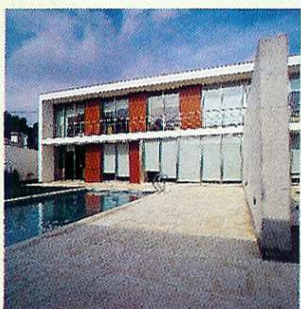
Biblioteca de Vale de Cambra*. Foi o primeiro concurso de ideias totalmente construído. Obra de algum vulto para o tipo de programas que até aí projectara, é contemporânea da estação Central de Camionagem, também em Vale de Cambra.



Residência Paroquial em Cucujães*. É uma encomenda *sui generis*. Nunca me tinha passado pela cabeça fazer a casa de um padre. Era um desafio cheio de aliciantes, pela necessidade de controlo de custos, pelo programa, pela inserção no sítio.



Habitação em Escapães*. Sobretudo pela relação que se estabeleceu com o cliente e que permitiu levar o projecto até o fim de uma forma muito satisfatória. Foi um cliente com um enorme entusiasmo no projecto e na obra. Ajudou-nos e permitiu-nos trabalhar melhor.



Habitação em Ovar.** Ganhou o Prémio Januário Godinho. Era um desafio muito difícil, num terreno muito complicado. A envolvente era péssima, o terreno era difícil e pequeno. Tivemos a sorte de ter um bom cliente.

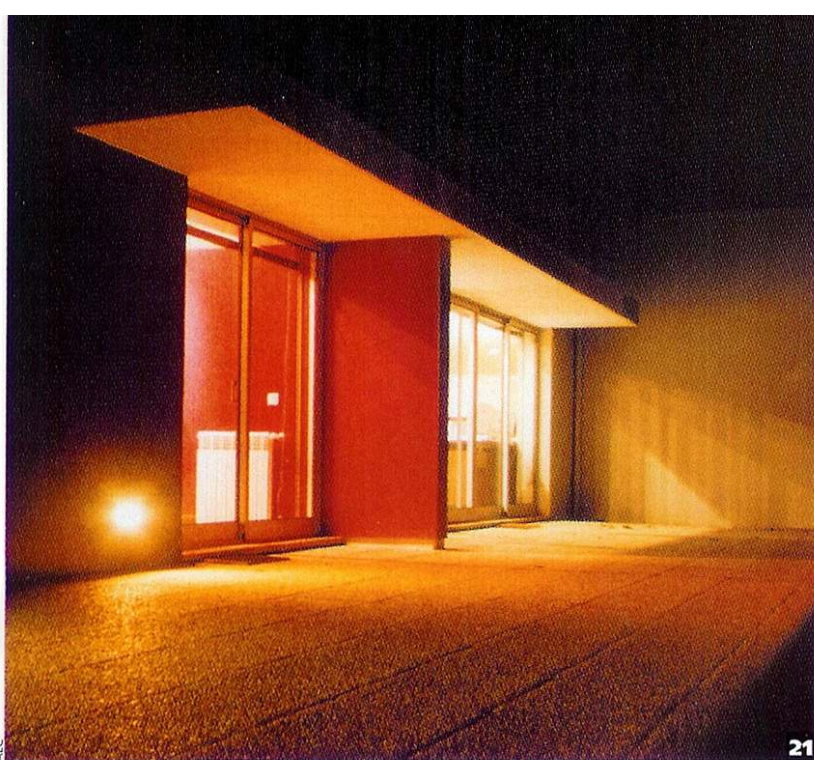
*Co-autoria com Tiago Meireles
** Co-autoria com Rui Ventura

vida foi notável, mas do ponto de vista profissional não me trouxe nada, até porque me obrigou a uma fase de nova aprendizagem. Desconhecia, por exemplo, alguns aspectos e termos da construção, que são especificamente portugueses.” Também se debateu com algumas incompreensões. Vinha de um país onde as questões de isolamento já eram há muito encaras com grande seriedade e preocupação. Chega a Portugal e constata que ainda quase ninguém usa caixilharia em alumínio termolacado. “A sensibilidade para o isolamento esgotava-se na construção da parede dupla.”

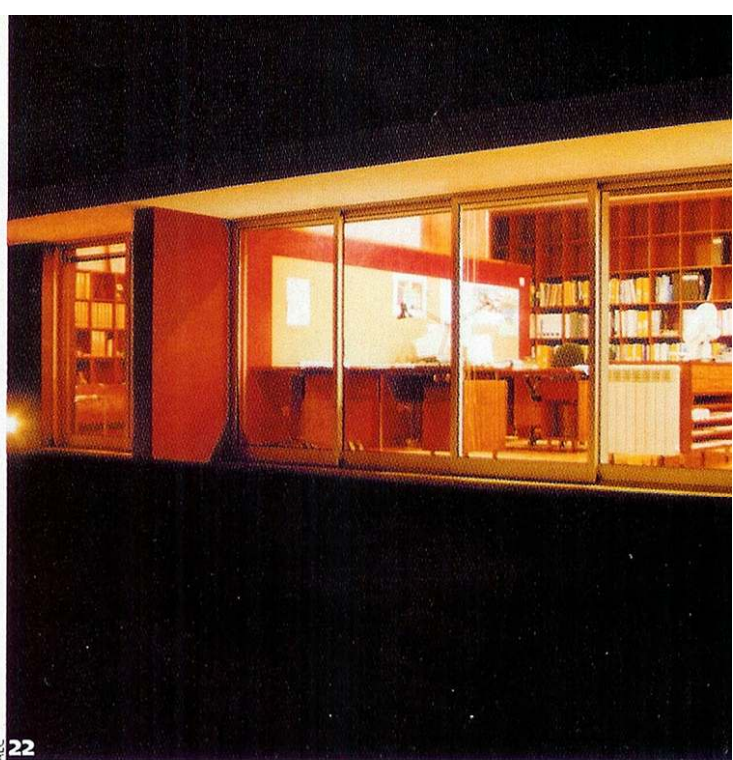
Este é o tempo em que José António ainda procura um espaço próprio. É também o tempo em que acaba por estagiar no Brasil, com o arquitecto Sérgio Bernardes, e participa nos trabalhos do Plano do Rio de Janeiro. É uma tarefa que lhe agrada, porque “o planeamento permite uma intervenção política no sentido material do termo”.

“Há uma aproximação à chamada Escola do Porto...”

Agora, depois de passada a experiência de montar “atelié” no Porto e ter optado em definitivo por se instalar em Ovar, José António tem a noção clara de ter conseguido, no caldear de culturas por onde circulou, construir um discurso arquitectónico muito próprio. Admite a existência de “um aproximar ao que se vai passando na chamada Escola do Porto, sem nunca a ela ter pertencido”. Os colaboradores, que hoje com ele trabalham em Ovar, “são de uma forma ou outra dessa escola, mas libertos de algum estigma negativo que, apesar de tudo, impera sobre quem vem da escola do Porto, devido a alguns tiques de linguagem que lhe são muito próprios”. Ainda assim, se tem de definir-se perante alguma escola, é com a do Porto que mais se identifica. E isso percebe-se. Basta olhar os edifícios com a sua assinatura. Está lá tudo. A pureza das formas. O rigor do desenho. O equilíbrio. A contenção. Depois o arrojo. A forma inesperada. De novo a serenidade. ■



21



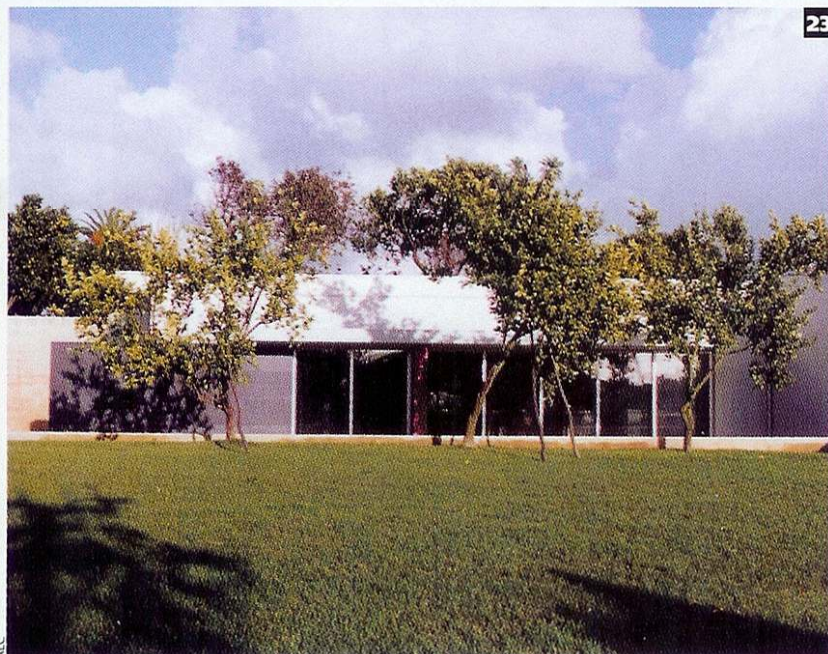
22

21., 22. e 23.
Atelier de
Arquitectura J.A.
Lopes da Costa.
Ovar. 1997**

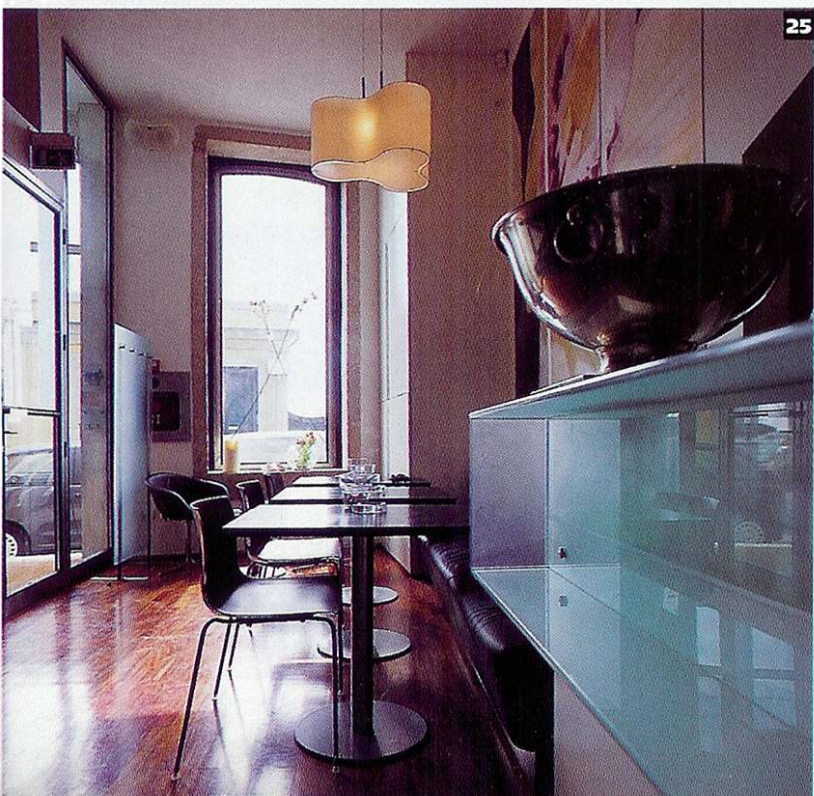
24. Prédio
Imocravo.
Furadouro. 1998*

25. e 26.
Restaurante Baazar.
Porto. 2002*

* com Arq. Tiago Meireles
** com Arqs. Rui Ventura
e Tiago Meireles



23 24



25 26

